

# Que o exemplo de Navalny una e motive opositores do putinismo e defensores da liberdade

written by Alberto Jorge Santos | 16 de Fevereiro, 2024

**OCIDADÃO**  
Jornalismo Livre  
**Editorial**



***Jorge Santos***

Um jornal como o nosso, não podia ficar impávido, alheando-se do mais que previsível assassinato de Alexey Navalny pelo regime russo. Um cidadão que lutou pela liberdade e por uma

Rússia regida pelo Estado de Direito.

Quem tiver paciência para ler o nosso Estatuto Editorial e a razão de ser do projeto, com certeza não perdoaria se ignorássemos mais um vil atentado de Putin aos seus adversários políticos. Navalny foi o mais importante de todos até agora.

“O Cidadão” (OC) é um jornal livre, não segue poderes, não é subserviente. Aceitamos todas as opiniões e distinguimos com grande clareza a notícia e o ponto de vista de quem manifesta opinião. Porém, para defendermos a liberdade de expressão, temos de opor-nos a qualquer tentativa de coação ou censura. Não nos revemos nos totalitarismos ou populismos que visam a destruição do Estado de Direito. Pelo que, elogiamos a postura que sempre teve o cidadão Navalny. E repudiamos o regime autocrático russo e a mordaza que impõe a todos os que pensam de forma diferente do chefe. A desdita do putinismo.

Alexey Navalny foi um herói. De um tempo em que vão escasseando pelo mundo. Tal como os grandes líderes democráticos. Emergiu, em 2011, nas manifestações de protesto à falsa eleição que reelegera Putin. Foi impedido de aceder aos meios de comunicação – controlados pelo regime – para difundir a sua mensagem de liberdade e esperança ao seu povo. Teve de recorrer às redes sociais, alcançou um público jovem que prosseguiu a construção de uma organização política, apartidária, mas democrática, na clandestinidade. Apesar de estar detido na Sibéria, numa unidade prisional – quiçá a mais cruel da nação- era o motor, a referência de quem se opunha aos massacres que todos os dias sofrem os ucranianos e, também, os jovens cidadãos da federação russa, obrigados a combater num conflito incompreensível à luz do direito internacional. E de todos os Direitos Humanos que Putin desrespeita sistematicamente.

Herói, assim pode ser considerado por quem sabe o que é ter a coragem de enfrentar uma ditadura – das mais cruéis da

atualidade. Além de mobilizar pessoas para manifestarem-se, fez greves de fome, sofreu diversas torturas, envenenamento e foi encarcerado na Sibéria, com impedimento de contatos. E sempre perseguido. Escolheu o caminho mais difícil que poucos, infelizmente, trilham.

Teve a oportunidade de refugiar-se no exterior, quando desmaiou num voo, causado por envenenamento; foi tratado na Alemanha e aí podia ter ficado. Não quis. Rejeitou o estatuto de exilado político e regressou à Rússia, disposto a desafiar, cara-a cara, Vladimir Putin. Nesse momento, o seu destino ficou escrito. Uma questão de tempo, apenas, até ser assassinado como todos os outros que levantaram a voz contra o anacrónico e sanguinário regime russo. Resta a esperança de que algum dos seguidores tome a liderança. E sinta a motivação por via do seu exemplo. Da sua dignidade. Da sua coragem.

E o resto do mundo? Refiro-me às sociedades democráticas. Como vão reagir? É impensável que a Europa “assobie para o lado”, face a mais um desmando russo. Não parece que o faça, aliás, Roberta Metsola já prestou declarações sobre o assunto. E as bombas nucleares que estão nas mãos de loucos e ultranacionalistas?

Estará o mundo livre com uma atitude hostil, mas suave, para manter equilíbrios estratégicos ou por medo da Rússia e das armas nucleares? Que fazer agora?

Não temos respostas, obviamente. Mas o Direito Internacional tem de encontrar a forma mais adequada de agir. A luta de Navalny não pode ter sido em vão.

Porque esta toxicidade política russa faz mal a todas as pessoas no mundo inteiro. É fundamental que acabe. Alexey Navalny fez o mais difícil, começou, indicou o caminho. Os países democráticos e os cidadãos russos que querem respirar em liberdade têm de seguir o exemplo e continuar a luta. Mais solidária ainda.

Para que haja paz entre todos os cidadãos do mundo. E para que os totalitarismos percebam que a democracia e o Estado de Direito também sabem defender-se.